

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

ARIEL CAVOTTI/DIVULGAÇÃO/JC



Dirigida por Gerald Thomas, atriz Danielle Winits conduz monólogo *Choque!*, que terá sessões no começo desta semana no Salão de Atos da Pucrs, dentro do Poa em Cena

ARTES CÊNICAS

Uma catadora de lixo que acredita em ETs

Andressa Pufal

andressap@jornaldocomercio.com.br

Extraterrestres se comunicando com uma catadora no meio de um lixão a céu aberto. Certamente, algo que nos parece fora do normal - mas é justamente o conceito de normalidade que a peça *Choque! Procurando Sinais de Vida Inteligente* busca colocar em xeque. Após temporadas em São Paulo e no Rio de Janeiro, o monólogo de Danielle Winits, sob direção de Gerald Thomas, sobe ao palco do Salão de Atos da Pucrs (Ipiranga, 6.681) como parte da programação da 33ª edição do Porto Alegre em Cena. As apresentações são nesta terça e quarta-feira, às 20h, e têm últimos ingressos à venda pelo site do Festival.

Usando e abusando da crítica social, do humor e da provocação, a peça coloca a nossa sociedade no divã, dissecando nossas humanas contradições, rasas relações e escassas conexões. Escri-

ta originalmente em 1985 por Jane Wagner, a peça traz a história de Trudy, uma ex-consultora criativa de grandes empresas que aparentemente enlouqueceu e tornou-se catadora de lixo nas ruas. E mais: acredita que extraterrestres a estão utilizando para investigar se ainda há sinais de vida inteligente no universo.

Estes extraterrestres podem, sim, ser humanoides verdes com antenas, mas também podem encontrar eco em qualquer um que enxergue com dúvidas o mundo à nossa volta. “A realidade é o absurdo vestindo um terno executivo”, diz um trecho do roteiro - agora adaptado por Gerald Thomas. “Só aceitei adaptar com a condição de poder remodelá-lo”, explica o dramaturgo. “O espetáculo é sobre uma crise da sociedade, com todas as cláusulas que a crise dá direito. No entanto, faltavam todos os itens de uma sociedade de agora, do século XXI.”

Há mais de quarenta anos na busca por vida inteligente, agora

os desafios são outros: uma sociedade hiperconectada, mas que só consegue a conexão através de cabos de internet; uma vasta disponibilidade de conteúdo e informação que se perde em um oceano de *fake news* e desinformação; a cultura da produtividade e o esgotamento emocional; mas sem abrir mão da busca por empatia e por tudo o que nos faz humanos, que sempre moveu a peça.

Tudo isso é ilustrado pela montanha de lixo de onde sai a atriz na primeira cena do espetáculo. Uma espécie de metáfora para alguém que se liberta de uma sociedade que já não serve mais. “A Trudy transformou a sociedade naquilo que ela mexe, que é o lixo”, explica Thomas. “Por isso que o meu cenário é basicamente sacos e sacos de lixo. É a sociedade dividida não mais em raça, nem em religiões, nem em nada disso, mas em sacos pretos de lixo”, sentencia.

O choque não está apenas no nome desta adaptação. Está, tam-

bém, na chacoalhada de ombros que recebemos ao sermos comparados com despejos a céu aberto, que a cada dia recebe mais e mais rejeitos. “A sociedade está ficando muito rasa, não louca, mas rasa. Há um emburrecimento geral, através dessa coisa rasa criada e encorajada pelas redes sociais. Ninguém mais lê. Todas as mensagens são idiotizantes e você pode dizer o que você quiser, você pode mentir o quanto você quiser, e tudo vai ser engolido de qualquer jeito.”

O espetáculo de 70 minutos é o primeiro monólogo de Danielle Winits - ainda que, em certos momentos, outros seres e vozes apareçam durante a montagem (inclusive o próprio Gerald Thomas, em falas que vêm do além, à la *deus ex machina*). Despenteadada, sem maquiagem, com roupas esfarrapadas, a atriz comprova que é uma artista completa, distanciando-se das modelos deslumbrantes que protagonizava em produções globais. Agora, ela dá

vida a uma mulher tida como louca, que é rejeitada e vive às margens. Tudo isso também questionando o papel feminino na sociedade - “genialmente bem”, como define o diretor. “Eu não sabia quem ela era antes do contato da produção. Quando a conheci, me apaixonei. Foi tudo fabuloso.”

Crítica, mas sem ser panfletária, *Choque!* é uma montagem vibrante, multifacetada e atual. Mais do que uma peça feminista ou de crítica social, é uma reflexão espirituosa e comovente sobre o que nos torna humanos, e sobre os sinais de inteligência (afeto e empatia) que ainda podem ser encontrados entre nós. “Eu também sou parte do antídoto, que denuncia isso tudo”, diz Thomas.

“Poucas pessoas têm acesso ao teatro, mas eu também berro através do jornal, como eu tô fazendo com você. Eu berro através da própria mídia social, da rede. Eu berro e espero que sirva como antídoto para algumas pessoas.”